



ANA CLÁUDIA RÔLA SANTOS (TRANSCRIÇÃO)

Boa noite a todos. Obrigada, Marcelo e Ivanei, pelo convite novamente. É um prazer estar aqui e encontrá-los, mesmo que virtualmente. Cumprimento o Ronaldo, a Marlene e a Jurema, que estão conosco nesta mesa.

A experiência de reconstrução do passado no momento presente, para nós que moramos numa cidade de 326 anos, é uma ação cotidiana. O Museu Alphonsus está inserido nesse contexto. Optei por falar sobre a visita do Mário de Andrade ao Alphonsus, fato que tivemos a oportunidade de reconstruir em 2019, em um projeto conjunto do Museu Casa Alphonsus de Guimaraens e do Museu Casa Mário de Andrade, e também por falar do contexto da cidade histórica de Mariana, de como os nossos museus extrapolam os seus espaços, os seus prédios.

Eu vou compartilhar alguns slides [exibe imagem de Alphonsus de Guimaraens e Mário de Andrade intitulada “A visita – Mariana 1919”]. Coloquei como título “A visita” porque quando fazemos essa reconstrução do passado, é como se fosse uma visita ao passado com um olhar do nosso tempo presente. Pensando o encontro de Mário e Alphonsus sob a perspectiva da agoridade, desse tempo que flui no passado e no presente, percebemos como algumas questões presentes em 2019 reverberam até o momento.

Esta é a Rua Direita, em Mariana [exibe foto em preto e branco da rua, com muitos sobrados]. Essa foto é de meados do século XX. Mariana é a primeira Vila, a primeira cidade e primeira capital de Minas. Ela teve um processo de expansão a partir do momento em que foi elevada a cidade. O arraial, que ficava próximo ao Ribeirão do Carmo, teve que ir para um outro lugar, mais alto, para fugir das enchentes, e houve uma solicitação de que fossem construídos prédios mais imponentes, que representassem essa questão da cidade como um espaço urbano. A cidade foi



planejada. Veio um urbanista, chamado Alpoim, quem fez o projeto das ruas que, atualmente, corresponde ao centro histórico da cidade.

Esta é a casa onde hoje é o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, onde residiu e faleceu o poeta [exibe foto em preto e branco da fachada de um sobrado, com comércio no térreo]. Alphonsus nasceu em Ouro Preto, em 1870, mudou-se para Mariana em 1906, morando aqui até 1921, ano da sua morte.

O primeiro contato que eu tive com essa história da visita de Mário de Andrade a Alphonsus, que ocorreu em 10 de julho de 1919, foi através de uma carta, datada de 15 de julho de 1919, de Alphonsus de Guimaraens ao filho dele, João Alphonsus, que também foi escritor e cronista, do movimento modernista. Ele se mudou para Belo Horizonte com 17 anos, tem uma série de correspondências do Alphonsus para o João Alphonsus. Nessa carta específica, ele diz o seguinte: “Mariana, 15 de julho de 1919. Vamos indo regularmente de saúde, – eu, Zenaide e a prole. Há cinco dias esteve aqui o Sr. Mário de Moraes Andrade, de S. Paulo, que veio apenas para conhecer-me, conforme disse. É doutor em ciências filosóficas. Leu e copiou várias poesias minhas (principalmente as francesas), e admirou o teu soneto oferecido ao Belmiro Braga. É um rapaz de alta cultura, sabendo de cor, em inglês, todo o “Corvo” de Poe. Viaja para fazer futuras conferências, e visitou todos os velhos templos desta cidade. A verdade é que para quem vive, como eu, isolado, – uma visita dessas deixa profunda impressão. A bênção de teus pais. Afonso”. Como disse, foi o primeiro contato que tive com essa história, já à frente do Museu Alphonsus, fui pesquisando e tendo acesso a mais documentos.

Se relacionarmos esses documentos em ordem cronológica, temos primeiro a carta que acabei de relatar, na sequência dessa carta, o Mário de Andrade publicou um artigo na revista *A cigarra*, agosto de 1919, falando da importância de Alphonsus de Guimaraens [exibe foto da capa da revista e da página com o artigo]. Ele diz assim: “Em Mariana católica fui encontrá-lo, na escuridade de sua casa de trabalho, sozinho e grande. Escrínio mais profundo que a episcopal cidade não encontrasse a sua alma de



místico para se guardar.” Eu só li um trecho, mas também é um texto que está disponível, que vocês podem baixar, quem tiver interesse.

Após o artigo, ..., temos uma carta do Alphonsus – essa carta é uma cópia, que temos no Museu; a original está na USP, no acervo de Mário de Andrade – em que ele fala do artigo: “Prezado colega, um cordial abraço. Acabo de ler, em um cotidiano de Juiz de Fora,” – ele não leu o artigo a princípio na revista *A cigarra*, pois ele não tinha recebido – “o belo artigo que escreveu sobre mim e sobre os fugazes instantes que a sua visita nos proporcionou. Como você me prometeu escrevê-lo na *Cigarra*.” [Exibe foto da carta]. Provavelmente nesse contato o Mário falou: “Vou publicar um artigo sobre você”, e realmente ele cumpriu. No final ele fala: “Envio um soneto inédito daquele que se preza de considerá-lo um amigo”.

Então aí se formou um laço de amizade entre os escritores. Além dessa questão literária marcada por esse encontro entre dois nomes importantes da literatura brasileira, há um outro aspecto dessa visita no que diz respeito às cidades históricas. Como Alphonsus relatou na carta ao filho, Mário visitou vários templos religiosos da cidade de Mariana, pois estava fazendo pesquisas para futuras conferências na Irmandade de Santa Ifigênia, sobre a arte barroca. Para isso, visitou algumas das cidades históricas: Mariana, São João del-Rei e Ouro Preto, fez a conferência, e os artigos que ele escreveu foram publicados nessa *Revista do Brasil* [exibe foto da revista]. Isso já em 1920, sob o título de *A Arte Religiosa no Brasil*. Apresenta nesse texto, algumas características das igrejas de Mariana.

Posteriormente o Mário de Andrade vai fazer o pré-projeto da criação do SPHAN, que depois viria a ser o IPHAN. O que é que isso tem a ver com a nossa cidade e com essa visita ao passado? O Centro Histórico de Mariana foi tombado em 1935. Então, de certa forma, essa visita do Mário, a escrita desse texto e essa relação dele com o SPHAN beneficiaram muito o tombamento desse patrimônio e, conseqüentemente, a preservação de patrimônio. O Mário vem para Mariana conhecer o Alphonsus, mas também essa visita que ele fez ao passado, essa reconstrução do passado no tempo



presente dele, refletiu-se, depois de muito tempo, no tombamento, que é o passo essencial para a conservação do nosso patrimônio. Esse texto dele, embora tenha sido “juvenil” (ele mesmo fala, na introdução do texto, que não tinha ainda aquela “condição crítica”), foi um texto que beneficiou essa questão da preservação do patrimônio.

Muito tempo depois, na década de 80, o Carlos Drummond de Andrade usa essa documentação toda que eu mostrei até aqui e faz um poema narrativo que se chama “A visita”, em que ele conta o encontro de Mário com Alphonsus [exibe foto do livro aberto, em que se vê parte do poema na página esquerda e a foto de uma estátua na direita]. O que é que eu estou querendo mostrar aqui? É que há várias reconstruções do passado, em tempos diferentes, e isso vai fluindo no tempo presente. Essas reconstruções todas, hoje, para a gente, fazem total sentido, porque elas vão construindo esse presente nosso. Quando Drummond faz esse livro, o editor foi José Mindlin, filólogo. Desse livro em específico, que acredito que o Museu Mário de Andrade deva ter uma cópia também, foi feita uma edição limitada de 125 exemplares, em 1977. O projeto desse livro, iniciou-se em meados dos 70, e além do Mindlin, participaram a esposa dele, Guida, e a fotógrafa inglesa radicada no Brasil, Maureen Bisilliat, encarregada de fazer as ilustrações do livro. Os três fizeram uma viagem para Mariana e Ouro Preto, a Maureen fotografou o percurso, mas quando ela volta, não gostou do resultado, ou seja, das fotos para ilustração do livro, então experimenta uma proposta que eu mostrarei mais à frente.

O poema do Drummond começa assim: “1919. 10 de julho./ Palmas. A porta aberta não responde/ Ô de casa! Mais palmas. A menina/ manda entrar. O corredor abre à esquerda,/ na tristura de cinza do escritório/ baixo./ Dentro, o homem sozinho,/ 50 anos por fazer, mas feitos secamente/ no rosto grave: – O senhor deseja?/ – Vim conhecer o Príncipe, vim saudar o Príncipe/ dos Poetas das Alterosas Montanhas!”. Além da referência documental, Drummond constrói o texto movido pela sua percepção do fato, de como, pra ele, teria ocorrido. E realmente, para quem conhece o Museu Alphonsus, o escritório, onde eles, Mário e Alphonsus, se encontraram, ficava no final



do corredor escuro. A descrição física do local é fidedigna ao real, mas há outras referências, como a forma de bater à porta, a criança que atende, que relata um hábito comum para as famílias mineiras contemporâneas de Alphonsus e também da vivência do próprio Drummond no interior de Minas. O texto termina da seguinte forma: “Não fica nas estantes, nos metais/ nem fica nos papéis a se apagarem./ Não fica na folhinha de Mariana.” A folhinha de Mariana é outra referência ao cotidiano mineiro, é um calendário que até hoje usamos na nossa cidade, todo mundo tem uma folhinha de Mariana. Ela já tem 250 anos, é um calendário que tem previsão do tempo, orienta sobre a plantação, e era muito comum outras cidades de Minas e até do Brasil receberem esse calendário que até hoje é impresso na gráfica da arquidiocese. Então, Drummond reúne elementos anteriores, que não foram citados, mas que são característicos da cidade de Mariana, para inserir nesse texto em que ele relata a visita do Mário ao Alphonsus.

O Drummond participou ativamente do processo de produção desse livro. Ele escolheu a tipografia, com certeza, deu outros palpites, ou seja, não foi um livro que ele escreveu e alguém publicou. Ela participou de todo o processo.

Voltando à questão da ilustração, a Maureen teve essa ideia para a ilustração do livro [exibe duas páginas: a esquerda tem a foto maximizada de uma pedra; a direita, o texto, com a assinatura de Drummond abaixo]. A gente olha e parece o céu, parece água, parece metal. Quando ela veio a Mariana com o Mindlin e Guita, ela recolheu um monte de pedras que foi encontrando no caminho. É muito comum os turistas estarem andando aqui na cidade, acharem uma pedra – uma pedra comum para os moradores – e levarem como recordação. Ela levou várias pedras e maximizou as fotografias dessas pedras e assim ilustrou o livro, justificou a escolha dizendo: “Afinal, a pedra é a essência de Minas.” Realmente, a gente tem toda uma relação com a mineração, com a pedra, é uma coisa que faz parte do mineiro. E ficou um resultado muito interessante.

O livro que temos é o exemplar nº 55. Todos os exemplares dessa primeira leva de 125 foram assinados pelo Drummond.



Sobre A Visita temos: o fato real da visita, as impressões de Alphonsus sobre a visita, as impressões de Mário sobre a visita, e, muito tempo depois, o Drummond reconstruindo esse fato.

Aqui já é Mariana atual [exibe foto da Rua Direita, onde se veem os mesmos sobrados, só que agora em cores]. É igualzinho. Só é diferente porque a gente tem uma foto colorida, mas os casarões são da mesma forma. Então parece que está diferente, mas não está, é a mesma coisa. Esse passado é presente e ele está inserido na gente, não temos como nos desvincularmos dele. Esse é o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens. Para quem não conhece, fica na Rua Direita, nº 35 [exibe foto colorida do sobrado]. É aquele casarão que eu mostrei para vocês no começo, mas ele estava em preto e branco, numa foto mais antiga. Aqui é um mosaico de fotos para que tenham ideia do interior do Museu [exibe um grupo de diversas fotos internas do Museu]. São seis salas expositivas, cinco abrigam a exposição de longa duração e uma, a sala de exposições temporárias. A primeira sala nossa também se chama “A Visita”, que é a sala onde o visitante conhece Alphonsus, através de fotos do escritor, e também fica sabendo um pouco dessa visita do Mário de Andrade.

Em 2019, reconstruir esse fato da Visita 100 anos depois. Temos um projeto que se chama “Cantando Alphonsus”, que é um sarau que fazemos em maio, em praça pública, com as escolas de Mariana e região [exibe fotos do sarau]. A Academia Marianense Infantojuvenil de Letras, que é uma academia parceira do Museu, fez, baseada no texto do Drummond, uma dramatização desse encontro.

Na sequência, conheci o Ivanei e o Marcelo, fizemos a exposição “Mário e Alphonsus revisitados”. Foi a nossa reconstrução desse passado, um trabalho conjunto do Museu Casa Mário de Andrade e o Museu Alphonsus [exibe fotos dessa exposição]. No Museu Alphonsus recebemos Mário de Andrade. Vocês podem observar que a gente tem um Mário em tamanho real ali. Abordávamos o encontro dos dois escritores, dando destaque à Casa Mário de Andrade. E Casa Mário de Andrade recebeu Alphonsus. Parte da exposição era igual nas duas Casas e a outra destacava os Museus. Uma coisa



interessante e que reatamos, através das duas instituições, o laço de amizade (que não era nosso, era dos nossos homenageados) depois de 100 anos e fortaleceu a interação entre os dois museus. O Museu Alphonsus visitou o Museu Casa Mário de Andrade e o Museu Casa Mário de Andrade visitou o Museu Alphonsus.

A interação entre os dois Museus era feita através do Skype, como algumas inserções do visitante do Museu Casa Mário de Andrade no Museu Alphonsus e vice-versa. Atendíamos os grupos que, pelo Skype, interagiam com as exposições em Mariana e São Paulo. Reconstruímos o passado, A Visita, dentro da perspectiva de um museu-casa e dentro das nossas possibilidades, agregando elementos contemporâneos.

Fizemos essa exposição no final de 2019. Em março de 2020, infelizmente, a gente fechou. Não deu muito tempo de trabalhar com a exposição. Este ano, aqui no Museu Alphonsus, remontamos a exposição em comemoração aos cem anos da Semana de Arte Moderna. Teve uma visitação boa, um movimento bom, porque as pessoas ainda se espantam com esse caso da Visita, dessa relação do Mário com Alphonsus, e ficam também interessadas em conhecer o Museu Casa Mário de Andrade.

A carta escrita por Alphonsus pós visita do Mário foi o ponto de partida para a nossa pesquisa. Após esse resultado positivo com a exposição *Mario & Alphonsus Revisitados*, assim era o nome, fizemos, em 2021, uma outra exposição que partimos também de cartas, denominada *de tua Constancinha*. O Alphonsus de Guimaraens tem uma musa inspiradora, que foi noiva dele, a Constança Guimarães [exibe foto de Constança]. Era uma menina de Ouro Preto, filha do Bernardo Guimarães. Ela morreu com 17 anos, vítima de tuberculose e foi o primeiro amor da vida de Alphonsus. Pensando nessa questão de a carta ser uma forma de visita ao passado e também uma forma de reconstrução desse passado no presente, o Arquivo Público Mineiro tinha oito cartas da Constança Guimarães. Então fizemos a exposição dessas oito cartas da Constança, contextualizando o ambiente da escrita, Ouro Preto, na segunda metade do século XIX. O que é que eu descobri? É bom que a gente sempre esteja aprendendo. O Ronaldo falou que a gente sempre está mudando e a percepção dos fatos também



mudam. Sempre vi a Constança como a musa inspiradora de Alphonsus, com essa exposição, a forma de vê-la mudou muito, de uma personagem passiva na vida do escritor, passei a enxergá-la com uma pessoa de extrema atitude. Quando lemos as cartas dela, vimos que ela era inteirada da sociedade. Ela tinha 14 ou 15 anos e discutia sobre a vida em Ouro Preto, sobre a Escola de Minas, fazia considerações sobre a Escola Normal, justifica que abandonou a escola porque não estava aprendendo nada. Ela era bem questionadora. Essa exposição fizemos junto com o Arquivo Público Mineiro, não é física, é digital, infelizmente ela não está no ar agora porque, como a gente está em período eleitoral, nossas redes sociais e todo o material online que foi feito nesse período sai do ar e só retorna depois.

Então, uma outra visita através de uma carta reconstruiu esse passado com o olhar de hoje, porque hoje a gente conseguiu entender como que essa Constança era, que mulher era essa: não mais a musa inspiradora de Alphonsus, mas uma mulher de atitude e de opinião, que viveu em Ouro Preto no século XIX.

Continuando a questão da Visita, da carta, da preservação do patrimônio, fizemos um projeto durante a pandemia. Eu não sei se os outros museus tiveram essa experiência. Tínhamos muita facilidade em trabalhar com as escolas privadas, porque elas tinham uma estrutura muito boa online. Mas as escolas públicas estavam ficando sem muita condição de ter esse trabalho online. Fizemos então o “Cartas para Alphonsus”. escolhemos uma escola aqui em Mariana, que é uma escola de periferia, que fica no bairro Rosário [exibe foto da escola e de uma aluna estudando]. Em Mariana a gente tem cerca de 80 mil habitantes. Tem o Centro Histórico e muitos bairros no entorno. Às vezes as pessoas do entorno não se reconhecem como também habitantes que possam usufruir desse Centro Histórico. Por isso acabam por falar: “Aqueles negócios são umas coisas velhas.” Então é um trabalho árduo que a gente tem de educação patrimonial, principalmente nesses bairros, para as pessoas se apropriarem desse Centro, que é um espaço para todo mundo.



Trabalhamos com as cartas de Alphonsus para Mário, com a carta de Alphonsus para João, propondo que essas crianças/adolescentes, que eram do 6º e do 8º ano, também escrevessem cartas para Alphonsus. Conseguiu desenvolver o trabalho online, eles tinham uma estrutura que nos atendia, fizemos as oficinas e depois os alunos produziram cartas para o Alphonsus. Também é um material que está nas redes sociais, tem os vídeos. Eu vou ler um trechinho, que é de carta de uma aluna do 8º ano. Ela começa assim: “Águas Claras,” – é um distrito de Mariana – “27 de setembro de 2021. Querido Alphonsus, como está? Eu estou bem. Ando apreciando a beleza das noites enluaradas. A cada lua cheia que nasce no céu, vejo e concordo com as suas obras. Nada é tão bonito quanto apreciar o céu. Nesses tempos difíceis de pandemia, estou apreciando as estrelas, a lua, o céu. O engraçado é que, quando vejo a lua nascer e brilhar, telefono para pessoas queridas para apreciarem comigo, de longe, o único show que todos podemos prestigiar.” Estava no tempo de pandemia, naquele tempo restrito. “Querido poeta Alphonsus, agora entendo Ismália. Queria tanto a lua para apreciar de perto aquele brilho raro! Enfim, escrevo-lhe esta carta para agradecer o jeito simples e romântico no qual você descreve a natureza criada por Deus e como você enaltece esse sonho, inclusive já realizado, de conhecer a lua e sua verdadeira essência. Um saudoso abraço de sua admiradora, Camila.”

As cartas são muito bonitinhas. Eu acho que o que os uniu ao Alphonsus é eles serem moradores desta cidade e eles não se distanciarem do Alphonsus apesar de ele ser um escritor que viveu em uma época muito anterior a deles. Tem alguns que falaram: “Você já teve algum bloqueio? O que é que você acha da política?”. Eles pegaram fatos comuns do cotidiano para se aproximarem desse poeta.

Esse foi um projeto que partiu também de uma visita ao passado, pois a gente também olhou aquelas cartas, a gente reconstruiu esse passado, falou do contexto histórico, falou dessa Mariana passada e da Mariana presente, como é que esse passado e esse presente se encontram, como esse passado pode se tornar um presente melhor, como esse presente nosso pode ser um futuro melhor – principalmente na questão da



mineração, que é um problema, ou melhor dizendo, um mal necessário, é ainda a única fonte de recurso da nossa cidade. Quando Mário visita o Alphonsus, Mariana era uma cidade estagnada, não tinha mais aquele ouro abundante, e ainda não o minério de ferro e ele, Mário, chama atenção para a riqueza artística. Hoje, a cidade tem o minério de ferro, apesar do crime ambiental de 2015, nada mudou, é uma cidade mineradora, mas que precisa sempre estar repensando essa questão da mineração. É uma faca de dois gumes porque é a mineração que traz o recurso para a cidade, que gera o emprego. A gente fica muito tempo pensando nesse passado de exploração predatória, que vai até hoje, e a gente fica tentando de alguma forma se desvencilhar disso, mais ou menos sem jeito de sair. E isso também foi possível discutir com esses alunos da Escola Dom Luciano, dentro do contexto de Alphonsus foi possível ver a cidade que ele habitava e a que hoje habitamos, sempre pensando no que será daqui pra frente já que tudo que temos enquanto cidade é pautado pelo minério que é um produto finito.

Finalizo a minha apresentação com essas imagens Catedral da Sé, que está sendo restaurada (o Ivanei até a visitou quando estive aqui), e lembrar que a preservação de e de outros templos da nossa cidade deve-se muito aquela visita de Mário, que não só chamou a atenção para a obra de Alphonsus, como fez um dos primeiros textos que chamam a atenção para essa preservação do nosso patrimônio, que é nossa batalha cotidiana.

Eu agradeço mais uma vez. Muito obrigada pelo convite e espero que a gente possa conversar mais um pouquinho agora.

Davidson Kaseker: Obrigada, Ana Cláudia, muito bacana sua contribuição também para esta mesa. Mais uma demonstração de como que os museus-casas literários em especial podem se reinventar, enfrentando as adversidades que estão sempre à porta, seja a pandemia, sejam todas as demais circunstâncias. Muito interessante. Também assinalo aqui esse uso da tecnologia, essa correspondência virtual pelo Skype entre visitantes dos dois museus-casas. Que sacada sensacional foi essa! E também a recuperação desse



instrumento de promoção das memórias afetivas, através da velha e boa carta, que é também um recurso extraordinário para chegar onde se precisa chegar, como vocês fizeram. Muito parabéns.

Reportando um pouco a toda a temática que vem perpassando esse encontro, há a importância da rede, de se estabelecer esse entrelaçamento, o fortalecimento dos laços amistosos entre os museus, entre os seus públicos e entre nós, profissionais dos museus também. É essa aproximação, tão importante, que nos humaniza nesse contemporâneo muitas vezes tão ríspido para as nossas pessoas.

Eu fiquei com uma curiosidade: tinha uma cena em que parecia uma holografia do Mário do Andrade ou do Alphonsus, no meio da sala. O que é que era aquilo?

Ana Cláudia Rôla Santos: A gente teve uma ideia, não é Ivanei? Foi um projeto conjunto que ficamos tentando desenvolver achando que seria impossível, mas conseguimos. Aqui você tem o Mário em tamanho natural, e lá no Mário você tinha o Alphonsus em tamanho natural. As pessoas tiravam fotos com esses dois, é uma silhueta.

Davidson Kaseker: Mas para mim me pareceu que ele estava no meio da sala...

Ana Cláudia Rôla Santos: Estava no meio da sala, sim. Ele fica em pé, no meio da sala, e interagia com os visitantes, como mais uma pessoa também.

Ivanei: O Alphonsus fica aqui na Casa Mário, a gente subia a escada – eu sabia que ele estava ali, eu botei ele ali –, olhava de vez em quando e dizia: “Quem é aquele cara que está parado ali?” [risos].

Ana Cláudia Rôla Santos: É a mesma coisa que acontecia aqui. O vigia, quando foi trabalhar à noite, falou que levou um susto, porque ele achou que tinha alguém na sala.



Eu esqueci de falar para ele. Olha, foi uma coisa assim, não tinha tantas *selfies*, mas teve muitas *selfies*, se fosse agora o Instagram estaria lotado.

Davidson Kaseker: Fica aqui a lição, para todos aqueles que estão nos acompanhando, de como às vezes soluções que são simples, e até relativamente baratas, podem produzir efeitos fantásticos como esse.

Ana Cláudia Rôla Santos: Só para ressaltar uma coisa. Esse projeto expográfico foi do Ivanei. A gente foi conversando, mas ele fez o projeto expográfico, que é a área dele. Uma coisa a se pensar, sim – eu e o Ronaldo já temos essa experiência, pois já somos da mesma Secretaria –, é que a gente precisa muito dessa rede, se não a gente não dá conta. Quanto mais a gente puder trabalhar em conjunto, melhor.

Davidson Kaseker: É isso, o espírito deste Encontro é reanimar, reavivar anualmente essa importância de fortalecer a atuação em rede mesmo, e que, dessas inspirações todas, surjam outras iniciativas, aproximando museus que tenham afinidades ou que estejam distantes, estabelecendo diálogos que superem todos os obstáculos, as dificuldades. É isso que faz os museus-casas serem relevantes, como a Angélica estava falando ontem. A importância de os museus sempre se manterem relevantes. É sempre um grande desafio acompanhar o ritmo e a dinâmica da sociedade.

É também de se assinalar aqui esse olhar atento que vocês desenvolveram para a musa inspiradora, a Constancinha, para a gente ver que dentro da obra do autor, dentro daquele universo, você vai recuperando a atualidade daqueles momentos, daquelas vivências que o poeta nos traz, recuperando essa personalidade tão forte. De novo, trazendo o museu para o contemporâneo, reconstruindo o passado e “linkando-o” com o presente. Acho que isso é fundamental para avivar sempre a relevância dos museus: a gente entender que está em diálogo com o contemporâneo, que esse público da sua periferia, que não se reconhece na identidade do Centro Histórico, precisa dessa



ponte para descobrir também o quanto que esse museu, essas memórias e a obra desse autor continuam, de alguma forma, contribuindo para que a gente compreenda o nosso momento agora, e que a gente possa contribuir para superar as dificuldades e os atrasos que ainda hoje no mundo contemporâneo assiste, com muita preocupação. Ver que a sociedade com um todo ainda guarda resquícios de muita violência, de muita indiferença pelo valor do humano: isso é um valor que nós precisamos, mais do que nunca, trazer para que todos possam compartilhar, o valor do que é humano de fato, num mundo em que muitas vezes a tecnologia acaba nos afastando daquilo que é a humanidade mesmo. E vem aí a inteligência artificial! A gente precisa estar preparado para esse mundo da tecnologia, colocando a tecnologia a nosso favor, a favor da cultura e da nossa memória.